

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE SEGUNDO O ESPIRITISMO

Daniel Salomão Silva¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Independentemente da forma como reagem, ora com acolhimento, ora com repulsa ou insegurança, as tradições religiosas têm tido que lidar com as questões de gênero, sexo e sexualidade. Questões como a postura diante da mulher nas tarefas religiosas e da homo e da transexualidade entre adeptos e lideranças religiosas, devem ser discutidas. Da mesma forma que esses entendimentos têm impactado posições nos mais amplos ambientes, religiosos ou não, entre os espíritas não é diferente. O Espiritismo, ao entender o ser humano como Espírito imortal em processo evolutivo milenar, propõe uma visão bem particular do tema em questão. Em sua jornada, o Espírito, que essencialmente não tem sexo, pode encarnar em corpos masculinos ou femininos, guardando ou não resquícios de suas experiências de gênero e sexualidade em vidas passadas, o que permite explicações bem coerentes sobre a homo e a transexualidade. Além disso, adotando como ética a proposta cristã, o Espiritismo naturalmente propõe o amor como melhor postura diante das outras pessoas, a despeito de sua experiência reencarnatória momentânea. Entendendo o livre-arbítrio como atributo do Espírito, respeita as escolhas individuais, considerando que as consequências felizes ou infelizes de seus atos são íntimas e transitórias. Na discussão que propomos, vamos dialogar com as seguintes definições modernas (não espíritas): "sexo" é o dado biológico, ou seja, as características genitais e genéticas que diferenciam os seres humanos entre machos e fêmeas; "gênero" é o dado ou a identidade social, a partir de padrões comportamentais que configuram a identidade social das pessoas, a qual pode ser correspondente ao que se espera de seu aspecto biológico ou não; e "sexualidade" é a orientação sexual, o alvo do desejo sexual do indivíduo, ao sexo biológico oposto ou não. A partir disso, ideias que enxergam o gênero como apenas uma construção social são coerentes com o entendimento espírita? Qual a posição encontrada nos textos espíritas mais consensuais sobre a postura mais adequada perante aquele que é homo ou transexual? Além disso, há recomendações nessas obras que aconselhem aquele que apresenta essas vivências sexuais a determinada postura? Essas e outras questões serão contempladas neste artigo.

Palavras-chave: Espiritismo, gênero, sexualidade

1. INTRODUÇÃO

Independentemente da forma como reagem, ora com acolhimento, ora com repulsa ou insegurança, as tradições religiosas têm tido que lidar com as questões de

¹ Mestrando em Ciência da Religião pela UFJF. E-mail: salomaoime@yahoo.com.br

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

gênero, sexo e sexualidade. Questões como a igualdade de direitos entre homens e mulheres e a postura diante da homo e da transexualidade devem ser discutidas.

O Espiritismo, ao entender o ser humano como espírito imortal em processo evolutivo milenar, propõe uma visão bem particular do tema em questão. Em sua jornada, o espírito, que essencialmente não tem sexo, pode encarnar em corpos masculinos ou femininos (KARDEC, 2010a, p. 187), guardando ou não resquícios de suas experiências de gênero e sexualidade em vidas passadas, o que permite explicações bem coerentes sobre a homo e a transexualidade. Além disso, adotando como ética a proposta cristã, o Espiritismo naturalmente propõe o amor como melhor postura diante das outras pessoas, a despeito de sua experiência reencarnatória momentânea. Entendendo o livre-arbítrio como atributo do espírito, respeita as escolhas individuais, considerando que as consequências felizes ou infelizes de seus atos são íntimas e transitórias.

Na discussão que propomos, vamos dialogar com as seguintes definições modernas (não espíritas): *sexo* é o dado biológico, ou seja, as características genitais e genéticas que diferenciam os seres humanos entre machos e fêmeas; *gênero* é o dado ou a identidade social, a partir “de regras e padrões de comportamento que configuram a identidade social das pessoas”, a qual pode ser correspondente ao que se espera de seu aspecto biológico ou não; e *sexualidade* é a orientação sexual, o alvo do desejo sexual do indivíduo, ao sexo biológico oposto ou não (MUSSKOPF, 2005, pp. 185 a 187).

2. HOMENS E MULHERES

Em *O Livro dos Espíritos* afirma-se que os espíritos não têm sexos, pois que estes dependem do organismo, ou seja, da constituição física. Logo, são os mesmos os espíritos que ocupam os corpos de homens e mulheres, programando suas etapas reencarnatórias em acordo com as “provações, deveres especiais e novas oportunidades de adquirirem experiência” (KARDEC, 2010a, p. 188).

Além disso, a igualdade de direitos entre homens e mulheres é defendida explicitamente na obra base do Espiritismo bem antes dos movimentos mais recentes, pois “Deus deu a ambos o conhecimento do bem e do mal e a faculdade de progredir” (KARDEC, 2010a, p. 499). Todo aspecto que indique certa inferioridade da mulher decorre “do domínio injusto e cruel que o homem assumiu sobre ela”, é o resultado de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

instituições sociais imperfeitas e do “abuso da força sobre a fraqueza” (KARDEC, 2010a, p. 497), logo deriva de componentes culturais e biológicos. Todavia, pelo que já foi exposto, há diferenças entre as experiências encarnatórias feminina e masculina.

Uma das diferenças apontadas entre homens e mulheres é a força física, no sentido muscular, o que indica que cada um deles tem funções especiais: “ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente”. Além disso, se Deus “deu à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade apropriada à delicadeza das funções maternais e à fragilidade dos seres confiados aos seus cuidados”. Mais à frente, a obra ainda afirma que devem ser assegurados direitos iguais, mas não funções: “é preciso que cada um tenha um lugar determinado; que o homem se ocupe do exterior e a mulher do interior, cada um de acordo com a sua aptidão” (KARDEC, 2010a, pp. 497 a 499).

Logo, entendemos que o único modo de conciliar estas visões aparentemente contraditórias é admitir que, apesar de apresentarem, em geral, tendências diferentes, sejam decorrentes de questões espirituais, biológicas ou culturais, homens e mulheres têm direitos de exercer as funções que bem entenderem. Para o Espiritismo, admitir incongruências entre as experiências masculinas e femininas não implica em impedir que mulheres, por exemplo, ocupem profissões tradicionalmente masculinas e vice-versa. Ambos têm papéis complementares na sociedade, mas a liberdade de aceitá-los ou não deve ser assegurada.

Por fim, para o Espiritismo, é nesse longo processo evolutivo, vivendo ora como homem, ora como mulher, que o espírito amadurece (XAVIER, 2012, p. 190). Mesmo conservando características masculinas e femininas até nas “regiões mais altas”, em algum momento, já sem a necessidade destas diferenciações, o Espírito encontrará equilíbrio pleno entre estas “polaridades” (KARDEC, 2018, pp. 10 e 11).

3. HOMO E TRANSEXUALIDADE

Segundo Allan Kardec,

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres; *depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele.* Não é senão o que ocorre a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente, e com ela o caráter dos sexos. Aqueles que se apresentam a nós como homens ou como mulheres, é para lembrar a existência na qual nós os conhecemos. Se essa influência repercute da vida corpórea à vida espiritual, ocorre o mesmo quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corpórea. *Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, fará um homem avançado; se for atrasado, fará um homem atrasado. Mudando de sexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres* [grifos nossos] (KARDEC, 2018, p. 10)

À época de Kardec, quando ainda não havia diferenciação entre homo e transexualidade (nem mesmo existiam os termos!), podemos entender como caracteres de um “sexo” tanto a identidade de gênero quanto a orientação sexual. Desta forma, certas “anomalias aparentes” seriam explicadas. A palavra “anomalia” significa “aquilo que se desvia da norma, da média geral; irregularidade” (KOOGAN & HOUAISS, 1994, p. 54), ou seja, “diferente” do habitual, da maioria, sem conotação necessariamente pejorativa. Podemos entender esta expressão como se referindo simplesmente a algo “aparentemente” sem explicação, logo anômalo. A partir do momento em que o conhecimento espírita a esclarece, a situação deixa de ser anômala. Entretanto, Léon Denis, no início do século XX, considerava como anormalidade o que chamamos hoje de transexualidade e homossexualidade (DENIS, 2007, p. 243 e 244).

Segundo o espírito Emmanuel, em obra de 1970, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, indivíduos na vivência homo ou transexual solicitam “atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais”. Afinal, “a coletividade humana aprenderá, gradativamente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos” (XAVIER, 2001, p. 90). Em outro texto do mesmo médium, agora segundo o espírito André Luiz, é considerado erro lamentável “supor que só a perfeita normalidade sexual, consoante as respeitáveis convenções humanas, possa servir de templo às manifestações afetivas” (XAVIER, 2012, p. 196).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, seguindo o pensamento médico oficial da época (um século após Kardec), alguns autores espíritas de renome associaram homossexualidade a “desvio patológico”, “prática sexual deformada” (ANDRÉA, 2002, pp. 132 e 133) ou ainda a “anormalidades aviltantes” (PIRES, 2008, p. 14), ambos no contexto da década de 1980. Para estes autores, a homossexualidade seria definida como prática sexual entre parceiros do mesmo sexo (o ato sexual em si), e não como a orientação sexual ao mesmo sexo (“sexualidade”), como no entendimento moderno.

De qualquer forma, nesses e em diversos outros textos a postura é mais tolerante em relação à transexualidade, não entendida como “desvio de qualquer natureza” (ANDRÉA, 2002), visto derivar de natural estágio do processo evolutivo, quando a reencarnação ocorre em sexo biológico oposto ao vivenciado em sequência de encarnações anteriores, o que é coerente com o entendimento kardequiano.

Entretanto, percebemos que nas obras espíritas mais “conhecidas”, a homossexualidade (entendida como prática sexual entre parceiros do mesmo sexo) é vista como derivada ou associada à transexualidade, que pode, ou não, contemplá-la. Nesse ponto há discordância das definições acadêmicas apresentadas no início do texto. A transexualidade é natural, parte do processo evolutivo; a homossexualidade, enquanto prática do ato sexual, é um problema para a maior parte dos autores espíritas mais lidos, “encarnados” e “desencarnados”, como veremos.

A experiência encarnatória transexual pode decorrer de prática agressiva ou desrespeitosa ao sexo oposto em vida anterior, o que pode acarretar reencarnação, com funções pedagógicas e regenerativas – e não punitivas, como pensa o senso comum –, em corpo não correspondente à identidade psicológica (DENIS, 2007, p. 244; XAVIER, 2001, p. 91; XAVIER, 2008, p. 266; FRANCO, 1997, p. 119). Por exemplo, para certo homem que “levou a desonra a lares respeitáveis, aviltou donzelas confiantes, espalhou o fel da prostituição em torno dos seus passos, desgraçou e destruiu destinos que pareciam róseos”, a Suprema Lei

Cassou-lhe a liberdade, impôs-lhe ensejos favoráveis para se refazer da anomalia de tantas iniquidades, impelindo-o a renascer sob vestes carnis femininas, a fim de mais eficientemente provar o mesmo fel que fez a outrem sorver, e a si mesmo poupar tempo precioso na programação dos resgates, por sujeitar-se ao rigor de penalidades idênticas às outrora impostas pelo seu mal orientado livre-arbítrio (PEREIRA, 2010, p. 361).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ainda neste contexto expiatório, pode também haver a contribuição de outros espíritos, mal-intencionados, que podem incentivar lembranças de existências anteriores a estes encarnados em situação de “inversão”, desequilibrando sua transexualidade e “incentivando-os” à homossexualidade (FRANCO, 2010, p. 156; FRANCO, 1994, p. 75; TEIXEIRA, 2015, p. 83). Enfim, nestas possibilidades acima, a situação de transexualidade pode causar desconforto ao encarnado perante seu estado temporário de incompatibilidade gênero-corpo.

Todavia, em outra situação, a vivência transexual derivaria apenas de escolha de uma experiência em morfologia diferente das últimas existências, com fins de enriquecimento moral e intelectual do espírito, pois, como já abordado, as experiências feminina e masculina têm suas particularidades. Há também escolha de encarnação “em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica” com objetivos missionários, por aqueles que aspiram a “realizar tarefas específicas na elevação de agrupamentos humanos e, conseqüentemente, de si próprios” (XAVIER, 2001, p. 91). Nesses dois casos, a transexualidade pode ser vivenciada sem conflito por parte do encarnado. Enfim, essa vivência sexual é consensualmente, na literatura espírita, uma possibilidade natural para o espírito. Dessa forma, não indica, necessariamente, desequilíbrios morais, problema de caráter, patologia ou “safadeza” em quem a vivencia. Além disso, não é um “comportamento” ou uma “opção” do encarnado, não deriva de uma escolha feita durante a vida física, mas de situações ou decisões pretéritas. A homossexualidade, porém, enquanto relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo biológico (e não apenas uma orientação sexual), possivelmente derivada da condição transexual, seria uma opção do encarnado, não necessariamente a mais adequada, como veremos adiante.

Como já apresentado, independentemente das razões apontadas como possíveis para a transexualidade/homossexualidade, é consenso nos textos espíritas a necessidade de respeito, amor, compreensão. Por exemplo, diante de um filho homossexual,

o que te caberá no quadro em foco será o encaminhamento ético-moral condizente com os valores espirituais superiores, uma vez que não é a orientação do sexo o dado mais decisivo para a qualidade da vida social (TEIXEIRA, 2015, p. 82).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em relação ao casamento homossexual, é bem interessante considerar até mesmo as formas como certas perguntas e respostas aparecem em *O Livro dos Espíritos*, que não tratam o casamento exclusivamente como união de um homem e uma mulher, mas como “a união de dois seres” (KARDEC, 2010a, p. 439). Há também posições mais recentes explicitamente tolerantes ao casamento e à adoção de crianças por casais homossexuais (FRANCO, 2013, p. 126).

Entretanto, a recomendação de “sublimação” do desejo sexual, abstinência ou “absoluta castidade” para homossexuais é comum nos discursos espíritas (ANDREA, 2002, p. 133; FRANCO, 2013, p. 125; FRANCO, 1994, p. 73). Para o espírito Camilo, “o fenômeno homossexualismo [sic], em si mesmo, impõe aos que por ele estão assinalados um regime de imperiosas disciplinas em sentido amplo”. Se o amor é natural e saudável entre indivíduos de qualquer sexo, orientação e identidade sexual, “o homossexual não necessitará mergulhar nos pântanos da pederastia, tampouco as homossexuais carecerão de perder-se nos vícios do lesbianismo, nas voragens da relação carnal” (TEIXEIRA, 1993, p. 43). Logo, para ele, é adequado que dois indivíduos do mesmo sexo se amem, desde que sem relações sexuais.

Pela mediunidade de Divaldo Franco, é considerado como uso adequado da função sexual a “sintonia entre a psicologia e a fisiologia da polaridade”. Logo, poderíamos disso deduzir que ou o encarnado insiste em “alterar” sua psicologia (identidade de gênero ou orientação sexual) para se adequar ao sexo biológico ou abstém-se de vivenciar sexualmente sua orientação, “evitando a permissão do uso indevido” (FRANCO, 1999, p. 125; FRANCO, 2013, p. 125). Todavia, para o espírito André Luiz, após reflexões sobre a disciplina do instinto sexual, conclusões nesse sentido “não nos devem induzir a programas de santificação compulsória no mundo carnal” (XAVIER, 2012, p. 192).

Ou seja, segundo esse ponto de vista, o enfrentamento de possíveis “conflitos” da sexualidade não significa a imposição de tal ou qual comportamento a si mesmo. Desta forma, mesmo sendo a “renúncia”, a “sublimação” das “vontades” ou o celibato um possível ideal para o indivíduo homossexual, por essa perspectiva parece-nos compreensível que vivencie de forma equilibrada sua homossexualidade, da mesma forma que o heterossexual deve viver, sem “santificação compulsória”. Cabe ao indivíduo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a avaliação íntima sobre se deve ou não vivenciar sua orientação sexual, consciente de que a maior parte dos textos espíritas mais lidos, publicados até o presente momento, recomenda que não a vivencie, ou, mais claramente, que não tenha relações sexuais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, entendemos que ainda não há um consenso teórico entre os espíritas sobre a melhor forma de se interpretar as diferenças entre homens e mulheres, reconhecidas nos textos citados. Nossa sociedade atual tem observado homens cuidando do “interior” e mulheres do “exterior”, sem ainda ter dados suficientes que indiquem ser esta nova configuração adequada ou não. Naturalmente, não há dúvidas quanto à questão da igualdade de direitos, claramente defendida em *O Livro dos Espíritos*. Em segundo lugar, diferentemente de qualquer pensamento que reduza o gênero à construção social, o Espiritismo admite como presentes, além do componente cultural, o aspecto biológico e as características que o espírito já traz de existências anteriores. Logo, ser homem ou ser mulher, sentir-se homem ou sentir-se mulher, não é uma questão apenas social ou cultural. Suas diferenças, porém, não devem colocá-los em qualquer situação de subordinação de um ao outro, mas de ação complementar e conjunta em prol de uma sociedade melhor.

Quanto à vivência da homossexualidade, também entendemos que não há consenso. Todavia, fica claro que, em boa parte dos textos acima, o problema está na relação sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico (trans ou homossexuais) e não no amor entre elas. Esses textos indicam ser a abstinência sexual a melhor atitude por parte do homossexual, porém, alguns deles podem ser interpretados em outro sentido: relacionar-se de acordo com sua orientação homossexual, desde que sob parâmetros também adequados aos heterossexuais, pode não ser um problema. Naturalmente, nenhuma dessas conclusões provisórias nos autoriza a ter qualquer atitude discriminatória ou pensamento que associe ao homo ou ao transexual desequilíbrios morais, problema de caráter, patologia ou “safadeza”.

Além disso, nos textos citados é comum entender a homossexualidade enquanto relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo biológico, de forma associada ou derivada da condição de transexualidade, o que não corresponde ao entendimento atual nos círculos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

não espíritas, como apresentado na introdução. Todavia, do ponto de vista espírita, poderíamos nos questionar, ainda sem resposta, porque alguns espíritos reencarnariam na condição de homo e outros na de transexualidade, sendo que as causas para ambas, na literatura espírita atual, parecem-nos idênticas.

Concluindo, é sempre importante destacar o caráter progressivo da Doutrina Espírita, sempre aberta à análise crítica de seus postulados, pelo menos em teoria. Em primeiro lugar, segundo Kardec, o Espiritismo “assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria”. Logo, se conclusões científicas consensuais apontarem para entendimentos diferentes, ele as acolherá, pois, “caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (KARDEC, 2009, p. 59). Em segundo lugar, pelo método que Allan Kardec elaborou, o Controle Universal do Ensino dos Espíritos, os espíritas só devem admitir como seguro um novo conhecimento, por vias mediúnicas, quando muitas mensagens recebidas por médiuns e espíritos diferentes, e em locais diferentes, o atestam de forma racional e concordante (KARDEC, 2010b, p. 28). Logo, se ainda não há concordância em todos os aspectos, entendemos que as conclusões sobre as questões de gênero, homo e transexualidade ainda estão em construção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREA, Jorge. **Forças sexuais da alma**. 9ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e dar dor**. 1ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2007.

FRANCO, Divaldo P. **Loucura e obsessão**. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994.

FRANCO, Divaldo P. **Adolescência e vida**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 10ª ed., Salvador: LEAL, 1997.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FRANCO, Divaldo P. **Dias gloriosos**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 3ª ed., Salvador: LEAL, 1999.

FRANCO, Divaldo P. **Nos bastidores da obsessão**. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. 12ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2010.

FRANCO, Divaldo P. **Divaldo Franco responde, v. 2**. 1ª ed., São Paulo: Interlittera, 2013.

FRANCO, Divaldo P. **Encontro com a paz e a saúde**. Pelo espírito Joanna de Ângelis. 5ª ed., Salvador: LEAL, 2016.

KARDEC, Allan. **A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2010a.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2010b.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos, ano IX: 1866**. Catanduva: EDICEL, 2017.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS Antônio. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1994.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação coma Teoria Queer a partir da teologia**. História Unisinos, v. 9, n. 3, 2005, p. 184 a 189.

PEREIRA, Yvonne do A. **Memórias de um suicida**. Pelo Espírito Camilo Cândido Botelho. 7ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2010.

PIRES, J. Herculano. **Vampirismo**. 9ª ed., São Paulo: Paideia, 2008.

TEIXEIRA, José Raul. **Educação e vivências**. Pelo espírito Camilo. Niterói: Fráter, 1993.

TEIXEIRA, José Raul. **Minha família, o mundo e eu**. Pelo espírito Camilo. 2ª ed., Niterói: Fráter, 2015.

XAVIER, Francisco Cândido. **Vida e sexo**. Pelo espírito Emmanuel. 22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001.

XAVIER, Francisco Cândido. **Ação e reação**. Pelo espírito André Luiz. 28ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

XAVIER, Francisco Cândido. **No mundo maior**. Pelo espírito André Luiz. 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 2012.